

Saberes Quilombolas no Ciberespaço: A construção de marcos teórico metodológicos e a experiência “Quilombos e Sertões”¹

Juliano Ferreira do CARMO²

Marcia Guena dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo traz resultados preliminares da investigação que discute o papel das linguagens midiáticas, em particular da fotoetnografia, na construção de saberes quilombolas no ciberespaço, através das articulações em rede, estabelecidas a partir do blog "Quilombos e Sertões"⁴, do banco de dados construído no Flickr⁵, da página e do grupo no Facebook⁶, os quais abrigam parte dos resultados da pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento”. Pretendemos discutir construções teórico metodológicas da área em questão e o estabelecimento que estas plataformas podem legar aos povos tradicionais. Para isso utilizaremos como metodologia a "etnografia virtual", discutida pelas autoras: Sueli Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral, na obra "Métodos de pesquisa para Internet", 2012; e também por Théophilos Rifiotis et.al., no livro Antropologia no Ciberespaço, 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Antropologia Visual; Fotoetnografia; Cibercultura; Quilombos.

INTRODUÇÃO

O subprojeto “Fotoetnografia online dos quilombos do submédio São Francisco: A construção de um banco de dados multimídia”, dentro do Projeto de Pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas do submédio São Francisco: Identidades em Movimento”, avançou no sentido de construir um referencial teórico e metodológico sólido dentro daquilo que fora proposto inicialmente no cronograma de pesquisa.

Desse modo, nos detivemos a três construções de marcos referenciais que constituem o suporte basilar da pesquisa. A discussão do objeto de pesquisa, que são as comunidades

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Rádio, TV e Internet do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios do Campus III da UNEB, email: julianoferreiracarmo@gmail.com

³ Mestra em Integração da América Latina pelo Prolam/USP, professora de Jornalismo em Múltiplos Meios do Campus III da UNEB e orientadora deste trabalho, email: mguena@uneb.br.

⁴ Acesso disponível em: www.quilomboseserto.es.net

⁵ Acesso disponível em: <http://www.flickr.com/people/quilomboseserto.es.net>

⁶ Acesso disponível em: Página: www.facebook.com/quilomboseserto.es.net; Grupo: www.facebook.com/groups/quilomboseserto.es.net

negras rurais quilombolas, discutidas em Valdério Santos Silva, 2010; Reis e Gomes, 1996; Arruti, 2006; dentre outros.

A discussão da Fotoetnografia enquanto aporte metodológico e relevância para o resgate etnográfico com Boni e Moreschi, 2007; Achutti, 1997 e 2004. O referencial sobre Cibercultura, necessário porque estamos construindo um banco de dados multiplataforma e em rede sobre as populações do submédio São Francisco se dá através de Lemos e Lévy, 1999; J.B. Pinho, 2004; Rifiotis e Jr Guimarães, 2010; e Rüdiger, 2011.

Sendo assim, procuramos contextualizar territorialmente o espaço no qual estamos inseridos, delimitando a área de investigação através de levantamento inicial feito pela Codevasf, o submédio São Francisco engloba as áreas dos estados da Bahia e Pernambuco, estendendo-se de Remanso até a cidade de Paulo Afonso (BA), e incluem as sub-bacias dos rios Pajeú, Tourão e Vargem, além da sub-bacia do rio Moxotó, último afluente da margem esquerda. Pelas cidades de Juazeiro e Paulo Afonso, na Bahia; Petrolina, Ouricuri e Serra Talhada, em Pernambuco (CODEVASF, 2009). Neste perímetro, segundo a Fundação Palmares (2009) estão concentradas 17 comunidades quilombolas, representando, portanto, uma herança cultural inestimável para a região.

Destas comunidades, visitamos Junco, Rodeador, Quipá, Barrinha da Conceição, Alagadiço, Pau Preto e Barrinha do Cambão, todas na Bahia e Lamedor, em Pernambuco. As visitas renderam vasto material de trabalho (Entrevistas gravadas, anotações, fotografias), que estão sendo disponibilizadas gradativamente no endereço do Blog “Quilombos e Sertões”, bem como na plataforma Flickr.

As gravações em áudio e vídeo, viabiliza a construção de produtos comunicacionais, como o *podcast* e pequenos vídeos em formato de documentário curta metragem. Sendo assim, scripts em linguagem radiofônica para a gravação de *podcasts* estão em processo de construção, bem como um roteiro consolidado para a construção de curtas metragens sobre as comunidades visitadas, cujos registros estejam disponibilizados em vídeo.

Reforçamos a ideia de trabalho em rede através dos constantes diálogos e discussões que ocorrem nos encontros presenciais, possibilitando o intercâmbio de experiências e conhecimento, inclusive, através do grupo e da *fanpage* no *Facebook* “Quilombos e Sertões”.

Nos encontros presenciais do grupo de pesquisa, que ocorrem semanalmente, discutimos sob dois aspectos, primeiro do ponto de vista teórico sobre leituras pertinentes as temáticas envolvidas, partilhando em seminários o que foi lido individualmente durante a semana e segundo, através da organização do calendário de atividades, pois é através deste calendário, disponível para todos através do *Google drive*, que dividimos as tarefas, organizamos e agendamos as oficinas nas comunidades, as visitas, as leituras e a escrita dos textos e artigos. Bem como, discutimos após cada visita, os resultados da mesma e as fotografias feitas.

MARCOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta investigação tem como pressupostos teórico-metodológicos a fotoetnografia, considerando-a como uma vertente da antropologia visual. Este artigo trabalha na intersecção entre a fotoetnografia quilombola e como ela pode contribuir para o entendimento das relações de identidade das comunidades quilombolas a partir das plataformas on-line, bem como discutir os bancos de dados destas comunidades na web e nas redes virtuais, através de um mapeamento fotoetnográfico, já realizado previamente.

Para isso, discute-se a metodologia que Sueli Fragoso, Raquel Recuero, Adriana Amaral (2012) e Teophilos Rifiotis et al., (2010), chamam de etnografia virtual ou netnografia, que consiste na discussão da etnografia dentro das redes virtuais a partir de suas especificidades e nomenclaturas. Sendo um estudo de inspiração etnográfica, a metodologia é, para os autores, apropriada ao estudo empírico da internet.

O objetivo é mostrar algumas implicações e discutir criticamente as transposições do método etnográfico em relação à internet. Embora, costuma-se utilizar diversas nomenclaturas para o mesmo termo, como etnografia virtual, netnografia, etnografia digital, webnografia e ciberantropologia, procura-se, nesta pesquisa, ater-se à nomenclatura de etnografia virtual, por compreender que ela abarca de modo abrangente o que é proposto, e encontra respaldo nas discussões de virtualidade em Pierre Lévy.

Todavia, uma discussão aprofundada sobre o mapeamento de terminologias precisa ser realizada, haja vista a especificidade do estatuto disciplinar relativamente novo em que está ancorado a cibercultura e o ciberespaço. Deste modo, estamos considerando aqui, os resultados preliminares da investigação com foco em aspectos discursivos, conceituais e os marcos que fundamentam a análise

No livro *Antropologia no ciberespaço* os autores, antes de tudo, discutem que o exercício de uma antropologia da antropologia dos outros, deve ter como fundamento o lugar antropológico “[...] é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (AUGÉ *apud* RIFIOTIS, 2010).

Afinal, diz o autor, somos nativos do ciberespaço e o nosso olhar sobre ele está situado na fronteira entre a nossa observação e a nossa experiência. Numa tal antropologia, em que sujeitos e objetos se encontram, o diálogo se impõe como uma necessidade, assim como a postura crítica.

Trata-se de colocar em suspensão tanto a autoridade do sujeito quanto a familiaridade com o objeto que estamos discutindo, e a partir desse deslocamento produzir uma reflexão e uma narrativa marcadas pelo contínuo movimento entre o “interior” e o “exterior” das experiências sociais e da própria produção antropológica. Em síntese, é um trabalho que busca resgatar nos estudos do ciberespaço a dimensão vivencial dos

sujeitos que nele habitam e discutir criticamente a inteligibilidade de uma antropologia no ciberespaço (RIFIOTIS, 2010, p.7).

Conforme proposto, a própria noção de “rede”, “rede das redes”, pode ser uma espécie de metáfora aprisionadora, uma captura conceitual, que nos impede de ver e pensar como utilizamos a rede técnica e como criamos, quotidianamente, redes sociotécnicas. Nas discussões que Rifiotis propõe, há uma forte presença de uma perspectiva antropológica e, na sua grande maioria, de uma reflexão antropológica crítica (2010, p.8).

As dúvidas e dilemas que permeiam a pesquisa, a observação direta e participante, o diário de campo a partir do contexto de ciberespaço estão em debate. São problematizadas também as designações correntes neste espaço, tais como usuários, enquanto “nativos”, “internautas”, os próprios conceitos de “virtual”, “comunidade”, o dualismo “on-line” e “off-line”. Além disso, são discutidas a importância da ética profissional na realização da pesquisa antropológica no ciberespaço e a necessidade constante de reinterpretação do próprio fazer antropológico (RIFIOTIS, 2010, p.9).

O relato antropológico do trabalho de campo é uma fonte privilegiada de informações, mas também tem um subproduto importante para a reprodução do saber antropológico: o anedótico (etimologicamente, o que é inédito), o romantismo, como exaltação da imaginação e da fantasia, que são uma espécie de capital simbólico.

Oriundo da experiência de campo registrada no diário íntimo, chamado "de campo", ele é mais do que ilustração, é idiosincrasia. O relato de campo é uma marca da iniciação ao métier entre o pesquisador e seu objeto e prova de objetividade da pesquisa. É interessante notar que mesmo após a reviravolta provocada pela publicação do diário de Malinovski, persistem as imagens clássicas do "colocar-se no lugar do outro", que Geertz (1986) comparou com uma espécie de ato mágico. De fato, ainda tendemos a recordar e reproduzir passagens como aquela clássica de Malinovski que é uma espécie de ato fundador da Antropologia como ciência moderna (RIFIOTIS, 2010, p.19).

Para a compreensão da etnografia virtual enquanto modelo metodológico, revisitamos autores fundamentais que estudam os fenômenos da cibercultura enquanto área emergente nos estudos sociais e comunicacionais. Pierre Lévy, (1993, 1996, 1999, 2003, 2010, 2011), discute o próprio conceito de cibercultura, como as tecnologias da inteligência podem impactar o futuro do pensamento na era da informática, o conceito de virtual e o que seria este virtual, a partir de sua concepção de que o real e o virtual ao estão separados, mas entrelaçados e mais recentemente, o futuro da internet e de que modo, ela pode ser utilizada na apropriação, inclusive de investigações, como esta que ora se apresenta.

É pertinente observar também a relevância dos estudos de André Lemos, (1999), para a área de Cibercultura. O autor tece um inventário epistemológico da área e juntamente com Pierre Lévy, (2010), retoma de forma atualizada este panorama de discussão acerca da cibercultura e seus fenômenos.

Francisco Rüdiger, (2011), contribui no sentido de viabilizar um panorama geral dos estudos em cibercultura no mundo, quais são as perspectivas da área, as questões recorrentes e as escolas de pensamento nos quais os autores da área estão ancorados. É Rüdiger (2011) que discute o conceito de rede em Manuel Castells, a era da informação e a sociedade em rede.

Erick Felinto, (2005), através de ensaios, problematiza os imaginários da cibercultura de forma crítica e propõe pressupostos metodológicos para investigação na área, como também o faz, Raquel Recuero, (2009) na obra *Redes Sociais na Internet*. Luiz Adolfo de Andrade e Thiago Falcão, (2012), em *Realidade Sintética*, embora trabalhem com jogos eletrônicos, contribuem de forma significativa para esta investigação, pois apontam caminhos para a realização de uma etnografia virtual nos moldes delineados aqui.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A partir da discussão feita anteriormente sobre Comunidades Negras Rurais Quilombolas e Fotoetnografia e tecendo este panorama inicial sobre cibercultura, procura-se discutir de que modo os bancos de dados na internet, contribuem para o empoderamento destas comunidades, através de questões identitárias, como seu autorreconhecimento enquanto quilombolas e a luta pela sua certificação e titulação.⁷

O modelo metodológico da etnografia virtual se propõe a realizar uma etnografia nas redes virtuais. Para isso temos três objetos de análise, o *Blog*, o *Flickr* e o *Facebook*.

O *Blog* Quilombos e Sertões é hospedado na plataforma de *Weblogs Blogger* do *Google*. É nele que dispomos as informações sobre a pesquisa, os pesquisadores, a produção acadêmica da pesquisa através de artigos publicados em congressos, as referências e hiperlinks que remetem a temática pesquisada.

Conforme proposto em nossas discussões, buscamos tratar e publicar fotografias, *podcasts*, vídeos e textos sobre as comunidades negras quilombolas no referido *Blog*, priorizando a linguagem fotográfica e os perfis construídos.

Temos selecionado, trabalhado e publicado as fotografias, juntamente com textos sobre as comunidades no *Blog* utilizando as ferramentas do próprio *Blogger*. Na aba superior, há páginas sobre a pesquisa, os pesquisadores, um texto situando as comunidades

⁷ Os bancos de dados estão disponíveis nos seguintes endereços:

Blog Quilombos e Sertões: <http://quilomboseserto.es.blogspot.com.br/>

Flickr Quilombos e Sertões: <http://www.flickr.com/people/quilomboseserto/>

Facebook: <http://www.facebook.com/quilomboseserto/>

<http://www.facebook.com/groups/quilomboseserto/>

quilombolas da área pesquisada de modo mais geral, a produção (acadêmica, técnica, jornalística), as referências utilizadas e por fim um bando de hiperlinks.

Na segunda aba, as publicações são classificadas por marcadores que localizam os textos classificados para aquele item específico como (Barrinha da Conceição, Novembro Negro, Quipá, etc...). A medida que informações novas são acrescentadas, novos marcadores irão sendo agregados (Fotoetnografia, Junco, Rodeador, e demais comunidades).

Através dos marcadores, classificamos os textos publicados por comunidade e por temática. Deste modo, cada novo texto publicado sobre uma comunidade coloca-se seu nome. Esta classificação é relevante do ponto de vista metodológico, porque podemos medir o impacto de cada publicação, a partir do que Fragoso, Recuero e Amaral, (2011), chamam de Webometria, que são os “estudos estruturais da web baseados na analogia entre hiperlinks e citações, fortemente inspirado pela Bibliometria.”

Quando acessamos a plataforma do Blogger com nome de usuário e senha, ele nos fornece dados quantitativos relevantes para a realização da Webometria. E são estes dados, um de nossos objetos de análise, mas que, por ora, não serão aprofundados neste artigo.

O inventário de webometria inicia-se com uma visão geral das estatísticas de acesso, com entrada para hiperlinks visitados, número de acessos, origem de acesso (País, navegador utilizado, sistema operacional), os acessos do dia, do dia anterior, da semana, do mês, do mês passado e o histórico geral de acessos.

Quais postagens foram mais visitadas e quais dias foram visitadas, quais são as *urls* de referência para a entrada no *Blog*, quais são os *sites* de referência para a entrada no *Blog*, aqueles que são mais utilizados como porta de entrada para se chegar até o conteúdo de Quilombos e Sertões, e as palavras-chave utilizadas pelos usuários para se chegar até o *Blog*.

A partir dos dados fornecidos pelo Google através de gráficos em pizza, em barras e gráficos de dispersão com linhas suaves e dispersão com linhas suaves e marcadores podemos realizar uma webometria, bem como analisar o conteúdo publicado nos comentários. Informações que fornecem indícios da recepção do conteúdo sobre o público receptor.

O *Blog* também é uma espécie de aglutinador de informações e dados da pesquisa. É para ele que convergem os *hiperlinks* do *Facebook*, do *Flickr* e demais plataformas que utilizamos.

O *Flickr* surgiu inicialmente para ser uma base de dados fotográfica. Hoje, ele se tornou uma rede social *online* onde os usuários além de postar fotografias de caráter autoral, podem publicar vídeos, trocar informações entre si sobre a temática através de grupos e comentar as fotos de outros usuários.

A plataforma está hospedada no portal do *Yahoo* e é nele que dispomos nossa base para a construção do banco de dados fotoetnográfico das comunidades quilombolas.

Utilizamos uma conta *Flickr pro*, por possuir capacidade ilimitada de armazenamento de dados. A conta *Flickr pro* é adquirida pelo valor anual de R\$ 45,90. O *Flickr* tem entre os seus recursos a capacidade de classificar suas fotografias por *tags* permitindo uma rápida localização semântica através de nossas *tags* mais convencionais como Fotoetnografia e Quilombos.

As fotografias são separadas por álbuns e possuem a interessante ferramenta de *geotags*, onde as fotografias podem ser sobrepostas a mapas na localização onde elas foram realizadas.

Cada comunidade quilombola pesquisada possui um álbum. Assim como nas fotografias disponibilizadas no *Blog*, no *Flickr* respeitam-se os limites éticos da pesquisa com seres humanos e a exposição destas populações. Para a publicação das referidas fotografias, pedimos que cada fotografado assine um termo de consentimento, explicamos a natureza do projeto e publicamos de forma moderada, o material. Tendo em vista, a concepção dos bancos de dados fotoetnográficos em multiplataformas, considera-se o *Flickr*, a melhor plataforma on-line para este trabalho.

No *Flickr*, descreve-se a comunidade, a autoria das fotografias, e os direitos autorais em cada álbum ou fotografia. A análise se dá a partir das visualizações e comentários do público receptor, bem como na inserção do próprio perfil “Quilombos e Sertões” do *Flickr*, em grupos da própria plataforma para a construção de redes interessadas nas temáticas do projeto: Comunidades quilombolas, etnografia, fotoetnografia, antropologia visual e comunicação visual.

O *Flickr* permite também criar exposições e publicar vídeos. É o que se pretende fazer para analisar os impactos do material na comunidade acadêmica e nas próprias comunidades quilombolas através da publicização do material nas escolas rurais, pontos de cultura e em oficinas dentro da própria instituição de ensino superior que abriga a pesquisa, a UNEB.

Na rede social *online Facebook*, trabalha-se em duas frentes, a primeira é o grupo fechado Quilombos e Sertões, cujo objetivo é articular-se internamente, discutir a temática quilombola a partir da fotoetnografia com pesquisadores, estudantes e público em geral interessado. No grupo, é possível publicar material em diversos formatos, como *hiperlinks* externos, textos em formato .doc, .pdf, criar documentos para trabalhar de forma coletiva um mesmo texto e publicar fotografias. No grupo, é possível perceber a interação entre seus membros, quem visualizou os conteúdos, quem curtiu e compartilhou material. É esta interação mediada que nos interessa para estudos posteriores.

Na página do projeto no *Facebook*, a plataforma fornece subsídios para estudos de webometria aprofundados. Quais são as novas opções “curtir”, quem está falando sobre o que é publicado e o alcance do que é publicado. A partir de cada postagem é possível saber quantas pessoas visualizaram a publicação, com dados precisos medidos através do endereço do computador que realizou o acesso.

Em índices estatísticos detalhados, o *Facebook* mostra a publicação, o alcance em termos de visualização, “curtidas” e compartilhamento, as pessoas falando sobre o tema e o alcance total semanal. Assim como no *Blog*, estes dados serão utilizados para tecer análises de webometria sobre os impactos das publicações nos receptores.

Para além da medição webométrica, considera-se pertinente à investigação, observar e discutir como estas plataformas tem contribuído para a construção de redes através do sociograma, que é uma “foto” da rede, onde os pontos representam os atores sociais e as linhas representam as relações entre elas. Neste estudo, ao final, pretende-se construir um sociograma conectando todas estas redes, como proposto empiricamente por Fragoso, Recuero e Amaral, (2011) e discutido conceitualmente por Rüdiger, (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou explicar a construção de marcos metodológicos para o desenvolvimento de uma etnografia virtual em multiplataformas através da fotoetnografia quilombola. Bem como desenvolver uma descrição de modelos e apontamentos para construirmos uma análise de webometria sobre as plataformas que estamos considerando para viabilizar este trabalho.

As interfaces entre comunicação, antropologia visual, cibercultura com conceitos da área, mais específicos, contribui para disseminar as identidades dos povos quilombolas e dar-lhes visibilidade nas redes sóciotécnicas propostas, isto tudo dentro de um marco ético institucional, determinado pelas leis em vigor no país para realização de pesquisas com seres humanos.

Estas comunidades estudadas estão localizadas em zonas de risco por conta da luta pela manutenção da terra, constantemente ameaçadas por diversos interesses, em função de serem áreas ribeirinhas de grande valor: proprietários particulares, grandes empresas do agronegócio e especulação imobiliária. Deste modo, pensamos que nosso trabalho pode colaborar na construção de laudos antropológicos, para que estas comunidades quilombolas possam, futuramente, garantir a certificação e titulação de suas terras.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre : Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre : Tomo Editorial, Editora da UFRGS, 2004.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Disponível em:

<http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf> Acessado em 15 de março de 2013.

FUNDAÇÃO PALMARES. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. São Paulo: Ed. Sulina, 1999.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação online**. São Paulo: Ed. Summus. 2003.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: RIFIOTIS, Theophilos et al, orgs. **Antropologia no Ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

_____. Duas ou três coisas sobre elas, as comunidades virtuais. In: RIFIOTIS, Theophilos et al, orgs. **Antropologia no Ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da Cibercultura. Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Valdélino Santos. **Rio das Rãs e Mangal: feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco**. Tese de doutorado apresentada ao CEAO-UFBA. Salvador: Ceao, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GUIMARÃES JR, Mario José Lopes. Sociabilidade e tecnologia no ciberespaço. In: RIFIOTIS, Theophilos et al, orgs. **Antropologia no Ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.